

Domingo XXXIV do Tempo Comum - Ano B – 24.11.2024

Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo



Viver a Palavra

A Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo foi instituída pelo Papa Pio XI, em 11 de dezembro de 1925, com a Carta Encíclica *Quas Primas*, indicando que esta festa se celebrasse «em todas as partes da terra no último Domingo de Outubro, isto é, o Domingo precedente à Festa de Todos os Santos. Do mesmo modo, ordenamos, que neste mesmo dia, em cada ano, se renove a consagração de todo o Género Humano ao Sagrado Coração de Jesus, que o nosso Predecessor de santa memória, Pio X, ordenou que se repetisse anualmente». Com a reforma litúrgica esta festa passou a ser celebrada no último Domingo do Ano Litúrgico, com o título de Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo.

Depois dos tempos conturbados da Primeira Guerra Mundial, diante dos cenários de violência e destruição, o Papa Pio XI convida a contemplar Jesus Cristo, Rei do Universo, Senhor do Tempo e da História, o Príncipe da Paz que anunciou o Reino de Deus por meio de sinais e prodígios, para que diante dos reinados, soberanias e poderes passageiros deste mundo, irrompa a radical novidade de uma autoridade que se faz serviço e de um reinado que não tem fim, porque tem a marca do amor.

Os textos escolhidos para a celebração desta solenidade apontam para a novidade deste Reino instaurado por Jesus Cristo e, por isso, Aquele que proclamamos no Salmo Responsorial como Rei num trono de Luz, no texto do Evangelho, está diante de Pilatos para ser julgado.

Escutar neste dia um trecho do relato da Paixão do Evangelista S. João situa o reinado de Jesus no horizonte da Sua crucifixão e morte, recordando-nos que o nosso Rei, bem diferente dos reinos deste mundo, tem como trono uma Cruz e a Sua Coroa não é de ouro e pedras preciosas, mas de espinhos. Um Reino Novo que precisa de soldados que sejam verdadeiros discípulos missionários, isto é, homens e mulheres que impelidos pelo encontro único e irrepitível com Jesus Cristo, concebem a sua vida como construção do Reino de Amor e de Paz que Jesus veio anunciar.

Proclamar Jesus Cristo como Rei implica necessariamente confiar as nossas vidas nas Suas mãos, pois, na linguagem bíblica, reinar significa salvar, justificar, perdoar e criar. Jesus reina porque assumindo a nossa carne se entregou à morte por nosso amor e o Seu sangue derramado na Cruz salva e justifica, perdoa e recria, apontando-nos o caminho da conversão como caminho de realização e felicidade, porque de aperfeiçoamento e santidade.

Caminhar com Jesus para que no mundo se faça já presente este Reino, que será em plenitude no Céu, implica abraçar a nova lógica do Reino porque «este Reino não se identifica com os poderes triunfalistas que conhecemos, mas com os valores mais profundos do Evangelho. A moeda deste reino é a gratuidade, a bandeira é o amor, o hino é Evangelho e o exército é formado pelos humildes. As armas dão lugar aos braços para acolher, os muros transformam-se em pontes para unir. A diferença é estímulo para a comunhão e a linguagem comum é a força do Espírito».

Fascinados pelo amor que brota da Cruz de Cristo, façamos das nossas vidas um lugar de anúncio da nova lógica do Reino que se traduz num novo modo de ser e de estar, porque um novo modo de servir e amar.
in Voz Portucalense.

+++++

A Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, sendo o último Domingo do Ano Litúrgico, é uma oportunidade para dar graças a Deus pelo dom deste ano litúrgico que termina e invocar a bênção de Deus para o ano que se vai iniciar. Proclamando a realeza de Jesus Cristo como Senhor do tempo e da história, este Domingo deve ter a marca do louvor e ação de graças que pode traduzir-se no canto solene do *Te Deum*, hino

litúrgico de louvor e de júbilo, agradecendo o dom da vida comunitária e de tantos batizados que corresponsáveis na missão colaboram e edificam a comunidade. *in Voz Portucalense*.

+++++

Concluimos neste Domingo o ciclo - Ano B - do Ano Litúrgico. Durante todo este ano litúrgico – 2023/2024 -, acompanhamos o evangelista S. Marcos em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Marcos.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra ficará disponível um texto sobre o evangelista Marcos. Também poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – do Novo Testamento, mas também do Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

No próximo Domingo iniciaremos um novo ciclo litúrgico – o Ano C.

Durante todo este novo ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista S. Lucas em grande parte das proclamações do Evangelho

LEITURA I – Daniel 7,13-14

**Contemplava eu as visões da noite,
quando, sobre as nuvens do céu,
veio alguém semelhante a um filho do homem.**

**Dirigiu-Se para o Ancião venerável
e conduziram-no à sua presença.**

**Foi-lhe entregue o poder, a honra e a realeza,
e todos os povos e nações O serviram.**

**O seu poder é eterno, não passará jamais,
e o seu reino não será destruído.**

CONTEXTO

O livro de Daniel tem este nome, não por causa do seu autor, mas sim do seu protagonista. Daniel é apresentado, no livro, como um jovem judeu exilado na Babilónia, levado para a corte de Nabucodonosor e preparado para aí desempenhar cargos de algum relevo. Apesar da pressão social e das exigências do rei, Daniel nunca renegou a sua fé e os seus princípios: soube manter-se fiel a Deus, à religião tradicional e aos valores dos seus antepassados.

Na realidade, o livro de Daniel foi escrito na primeira metade do século II a.C., numa época em que o rei selêucida Antíoco IV Epifanes (reinou entre 174 e 164 a.C.) procurava impor, pela força, a cultura grega ao Povo de Deus. No entanto, as imposições de Antíoco IV Epifanes depararam-se com uma tenaz resistência, vinda sobretudo dos sectores mais tradicionais do judaísmo. Alguns judeus optaram abertamente pela insurreição armada (como foi o caso de Judas Macabeu e dos seus heroicos seguidores); outros, contudo, preferiram lutar contra a prepotência dos reis helênicos com a sua palavra e os seus escritos.

O Livro de Daniel foi composto neste cenário. O seu autor é um judeu fiel à cultura e aos valores religiosos dos seus antepassados, interessado em defender a sua religião, apostado em mostrar aos seus concidadãos que é possível, mesmo em contexto de perseguição, manter a fidelidade aos valores tradicionais. Contando a história de Daniel, o jovem judeu exilado na Babilónia que soube manter a sua fé, o autor do Livro de Daniel pede aos seus concidadãos que não se deixem vencer pela perseguição e que se mantenham fiéis à religião e aos valores dos seus pais. O desconhecido autor do livro de Daniel garante aos seus conterrâneos que Deus está do lado do seu Povo e que não deixará de recompensar aqueles que se mantiverem fiéis à Lei e aos mandamentos.

O texto que nos é proposto integra a segunda parte do Livro de Daniel (Dan 7,1-12,13). Aí o autor, recorrendo à “figura” da “visão”, apresenta-nos uma leitura profética da história, cuja finalidade é transmitir a esperança aos crentes perseguidos por causa da sua fé.

Na primeira dessas “visões” (Dn 7,1-28), o autor do Livro apresenta “quatro grandes animais”, surgidos do mar: o primeiro “era semelhante a um leão” (Dn 7,4); o segundo era “semelhante a um urso” (Dn 7,5); o terceiro era “parecido com uma pantera” (Dn 7,6); o quarto era “horroroso, aterrador e de uma força excepcional” e “tinha dez chifres”, embora lhe tivesse depois nascido um outro “chifre mais pequeno” que “tinha olhos como homem e uma boca que proferia palavras arrogantes” (Dn 7,7-8). Esses “quatro animais” evocam a sucessão dos impérios humanos... O primeiro seria o império neobabilónico, o segundo representaria o império dos medos, o terceiro referir-se-ia ao império persa e o quarto seria o império grego de Alexandre, do qual os reis selêucidas eram os herdeiros diretos. Os “dez chifres” desse quarto animal referem-se a dez reis selêucidas que herdaram parte do império de Alexandre; e o décimo primeiro chifre, mais pequeno do que os outros, seria, seguramente, Antíoco IV Epifanes, o rei perseguidor do Povo de Deus.

Em paralelo com o quadro histórico destes impérios – todos eles conotados com o mal, com o imperialismo, com a opressão, com a violência, com a perseguição ao Povo de Deus – o autor apresenta o tribunal de Deus. O supremo juiz (Deus) é “um ancião” com os cabelos e as vestes brancas “como a neve” (símbolo de

pureza e retidão); está sentado num trono feito de chamas e é servido “por milhares e dezenas de milhares”. O tribunal decretou a morte do décimo primeiro chifre (Antíoco IV Epífanes): o seu corpo foi desfeito e atirado às chamas. Os “quatro animais” (os impérios do mal) foram privados do seu poder (Dn 7,9-12).

Derrotados os impérios que traziam sofrimento ao mundo e ao Povo de Deus, surge em cena uma nova figura. Os dois versículos que compõem a primeira leitura deste trigésimo quarto domingo comum (cf. Dn 7,13-14) descrevem precisamente a entrada em cena dessa figura que é “semelhante a um filho de homem”. *in*

Dehonianos

INTERPELAÇÕES

- O texto que nos é proposto como primeira leitura na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, faz parte de uma reflexão mais ampla sobre a história e sobre a forma como os impérios humanos se têm implantado e exercido o seu poder. Os reinos construídos pelos homens baseiam-se, frequentemente, num poder arrogante e são geradores de exploração, de violência, de escravidão, de sofrimento. Em pleno séc. XXI, este quadro mantém-se: a cada hora as nações e os blocos políticos e militares desenvolvem as suas estratégias imperialistas de conquista e de domínio, condenando milhões e milhões de homens e mulheres a viverem mergulhados numa espiral insuportável de violência e de morte. A humanidade estará, irremediavelmente, condenada a viver sob o domínio da arrogância, da opressão, da prepotência, de crueldade? Nunca nos libertaremos desse ciclo de morte? Deus assiste, indiferente e de braços cruzados, a esta dinâmica de violência e de violação dos direitos mais elementares dos povos e das nações? O autor do Livro de Daniel acredita que o reino do mal não será eterno e que Deus, a seu tempo, há de interromper a cadeia de brutalidade que oprime os seus filhos e os impede de viver em paz. Acreditamos que Deus não abandona o seu Povo em marcha pela história e saberá derrubar todos os poderes humanos que impedem a realização plena do homem? Estamos dispostos a trabalhar, ao lado de Deus, para que os impérios do mal não tomem conta do mundo? O que podemos fazer nesse sentido?
- O anúncio de um “filho de homem” que virá “sobre as nuvens” para instaurar um reino que “não será destruído” leva-nos a Jesus. Ele veio ao encontro dos homens para lhes propor uma nova ordem, em que os pobres, os débeis, os fracos, os marginalizados, aqueles que não podem fazer ouvir a sua voz nos grandes areópagos internacionais não mais serão humilhados e espezinhados. Jesus, vestindo a pele de um “filho de homem”, introduziu na história uma nova lógica, substituindo a lógica da arrogância, da prepotência, da ambição e do egoísmo, por uma lógica de amor, de serviço, de doação, de humanidade. É verdade que, mais de dois mil anos depois, o “reino” proposto por Jesus ainda não banuiu do mundo, de forma definitiva, a violência e a maldade; contudo, esse “reino” está presente na vida do mundo, como uma semente a crescer ou como o fermento a levedar a massa. Como discípulos de Jesus, assumimos a missão de fazer nascer no nosso mundo e na nossa história o reino da verdade, da justiça e da paz? Procuramos ser testemunhas e arautos do mundo novo, do Reino de Deus? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 92 (93)

Refrão: O Senhor é rei num trono de luz.

O Senhor é rei,

revestiu-Se de majestade,

revestiu-Se e cingiu-Se de poder.

Firmou o universo, que não vacilará.

É firme o vosso trono desde sempre,

Vós existis desde toda a eternidade.

Os vossos testemunhos são dignos de toda a fé

a santidade habita na vossa casa

por todo o sempre.

LEITURA II – Apocalipse 1,5-8

Jesus Cristo é a Testemunha fiel,

o Primogénito dos mortos, o Príncipe dos reis da terra.

Àquele que nos ama e pelo seu sangue nos libertou do pecado

e fez de nós um reino de sacerdotes para Deus seu Pai,

a Ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amen.

Ei-l’O que vem entre as nuvens,

e todos os olhos O verão, mesmo aqueles que O trespassaram;

e por sua causa hão de lamentar-se todas as tribos da terra.

Sim. Amen.

«Eu sou o Alfa e o Ómega», diz o Senhor Deus,

«Aquele que é, que era e que há de vir, o Senhor do Universo».

CONTEXTO

“Apocalipse” é uma palavra de origem grega que significa “manifestação de algo que está oculto”. O nosso “Livro do Apocalipse” – do qual é retirado o trecho da segunda leitura deste domingo – é um livro que se apresenta como uma “revelação” sobre “as coisas que brevemente devem acontecer” (Ap 1,1) e que um tal João, exilado na ilha de Patmos (uma pequena ilha do Mar Egeu) por causa da sua fé, tem por missão comunicar aos seus irmãos na fé. Essa “revelação” é endereçada a “sete igrejas” da província romana da Ásia (atual Turquia), às quais o autor se sentia especialmente ligado e cuja problemática conhecia bem.

Estamos na parte final do reinado do imperador Domiciano (à volta do ano 95). As comunidades cristãs da Ásia Menor vivem numa grave crise interna, resultante das heresias (como a dos nicolaítas, referida em Ap 2,6.15), da falta de entusiasmo, da tibieza, da indiferença, da acomodação. Por outro lado, a perseguição contra os cristãos, ordenada pelo imperador, tinha criado um clima de insegurança e de medo: muitos seguidores de Jesus eram condenados e assassinados e outros, temendo pelas suas vidas, abandonavam o Evangelho e passavam para o lado do império. Na comunidade dizia-se: “Jesus é o Senhor”; mas lá fora, quem mandava mesmo, como senhor todo-poderoso, era o imperador de Roma.

É neste contexto de crise, de perseguição, de medo e de martírio que vai ser escrito o Apocalipse. O objetivo do autor é levar os crentes a revitalizarem o seu compromisso com Jesus e a não perderem a esperança. Nesse sentido, o autor do livro começa por fazer um convite à conversão (cf. Ap 1-3), convidando as “sete igrejas” a corrigirem as suas opções erradas e a revitalizarem a sua fé; passa, depois, a apresentar uma leitura profética da história humana, que promete a vitória final de Deus e dos seus fiéis sobre as forças do mal (cf. Ap 4-22). Estes conteúdos são apresentados com o recurso sistemático a símbolos e imagens (como é típico da literatura apocalíptica), o que torna este livro estranho e difícil, mas, ao mesmo tempo, muito belo e interpelante.

O texto da segunda leitura de hoje faz parte da “introdução” ao livro do Apocalipse (cf. Ap 1,1-8). Numa espécie de diálogo litúrgico entre um leitor e a comunidade reunida para escutar uma proclamação, os crentes são convidados a glorificar o Senhor Jesus, a vê-lo como o centro da história humana, a considerá-lo como a coordenada fundamental à volta da qual se estrutura e organiza toda a vida cristã. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Quase no final do séc. I, as comunidades cristãs do mundo greco-romano caminhavam sufocadas pelo medo. Domiciano, o imperador de Roma, tinha atribuído a si próprio o estatuto de dono do mundo e ordenara uma violenta perseguição contra a Igreja de Jesus. Os cristãos sentiam-se impotentes diante desse poder arrogante que nada parecia poder deter. É neste contexto que um “profeta”, exilado na ilha de Patmos por causa da sua fé, proclama corajosamente aos cristãos da Ásia Menor: “o senhor da História não é o imperador de Roma, mas sim Jesus, o nosso Salvador. Confiai n’Ele e no seu poder. Ele vem sobre as nuvens do céu para nos livrar da opressão e da violência dos líderes humanos que se arrogam o direito de definir os destinos do mundo e de determinar o sentido da História”. E os cristãos, destinatários desta mensagem libertadora, respondem: “Sim, confiamos incondicionalmente em Jesus; que Ele seja louvado pelos séculos dos séculos”. A mensagem do “profeta” de Patmos continua a ecoar hoje, num tempo em que os nossos líderes humanos, titubeantes e pouco esclarecidos, mas com uma arrogância semelhante à de Domiciano, nos arrastam para becos sem saída e deixam que a maldade, a violência, a injustiça, a exploração encham de sombras o caminho dos homens... Acreditamos nós também, neste tempo difícil que nos toca viver, que Jesus é o verdadeiro Senhor da História, o Salvador que há de aparecer sobre as nuvens do céu para derrotar os poderes arrogantes e para instaurar um reino de felicidade, de vida e de paz sem fim? Essa convicção dá-nos forças para avançar e para enfrentar as vicissitudes que a vida nos traz?
- O “profeta” de Patmos refere-se a Jesus como “o Alfa e o Ómega”, “aquele que é, que era e que há de vir”, “o Senhor do Universo”. Convida-nos a vê-lo como o centro do Tempo e da História dos homens, aquele de quem tudo parte e para quem tudo converge, a referência fundamental à volta da qual toda a nossa vida se constrói. Como os cristãos das comunidades joânicas, talvez nós sejamos capazes de dizer, nas nossas assembleias litúrgicas: “sim. Amen. Aceitamos tudo isso como verdade”. No entanto, no dia a dia da nossa vida, Cristo está efetivamente no centro dos nossos interesses, das nossas opções, do nosso caminho? As nossas vidas alimentam-se das suas propostas, das suas palavras, dos seus gestos? Vivemos ao seu estilo, amamos como Ele amava, pensamos como Ele pensava, perdoamos como Ele perdoava, servimos como Ele servia? Jesus Cristo é, de verdade, o nosso “rei”, a nossa referência fundamental, aquele a quem seguimos de olhos fechados?
- O “profeta” exilado na ilha de Patmos por causa da sua fé lembra-nos tantos e tantos homens e mulheres que, em contextos adversos, insistem em dar testemunho de Jesus e do seu Evangelho. Incompreendidos, maltratados, caluniados, mantêm-se coerentes com o Evangelho de Jesus; com

coragem profética, procuram ser sal que dá sabor ao mundo e luz que brilha no meio das trevas; mesmo contra a corrente, são testemunhas corajosas dos valores de Deus e sinais que apontam para um mundo novo. Também nós, discípulos de Jesus e arautos do seu projeto, temos a coragem do testemunho, da coerência, do compromisso com os valores do Reino de Deus? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – João 18,33b-37

Naquele tempo,

disse Pilatos a Jesus:

«Tu és o Rei dos judeus?»

Jesus respondeu-lhe:

**«É por ti que o dizes,
ou foram outros que to disseram de Mim?»**

Disse-Lhe Pilatos:

«Porventura eu sou judeu?

O teu povo e os sumos sacerdotes é que Te entregaram a mim.

Que fizeste?»

Jesus respondeu:

«O meu reino não é deste mundo.

Se o meu reino fosse deste mundo,

os meus guardas lutariam

para que Eu não fosse entregue aos judeus.

Mas o meu reino não é daqui».

Disse-Lhe Pilatos:

«Então, Tu és Rei?»

Jesus respondeu-lhe:

«É como dizes: sou Rei.

Para isso nasci e vim ao mundo,

a fim de dar testemunho da verdade.

Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz».

CONTEXTO

O Evangelho da Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo leva-nos até ao “pretório”, situado em Jerusalém, na fortaleza chamada “Antônia” (em homenagem ao triúnviro romano Marco António), que albergava a guarnição romana de Jerusalém. Jesus tinha sido para aí levado depois de, na madrugada desse dia, ter sido considerado “réu de morte” pelas autoridades religiosas judaicas reunidas no palácio do sumo-sacerdote.

É de manhã cedo. Pôncio Pilatos, o “prefeito” romano que administrou a Judeia e a Samaria entre os anos 26 e 36, está sentado na sua cadeira do poder. Jesus está diante dele, manietado como um delinquente. Pôncio Pilatos vivia habitualmente no seu palácio de Cesareia Marítima, junto do mar, a cerca de cem quilómetros de Jerusalém; mas, por altura das grandes festas, dirigia-se a Jerusalém com tropas de reforço, a fim de manter a ordem na cidade. Nesta altura Pilatos está em Jerusalém por causa das festas da Páscoa.

As informações de Flávio Josefo e de Filon apresentam Pôncio Pilatos como um governante duro e violento, obstinado e severo, culpado de ordenar execuções de opositores sem um processo legal. As queixas de excessiva crueldade apresentadas contra ele pelos samaritanos no ano 35 levaram Vitélio, o legado romano na Síria, a tomar posição e a enviá-lo a Roma para se explicar diante do imperador. Pôncio Pilatos foi deposto do seu cargo de governador da Judeia logo a seguir.

Curiosamente, o autor do Quarto Evangelho, no seu relato do julgamento de Jesus, apresenta Pôncio Pilatos como um homem fraco, indeciso e volúvel, uma espécie de marioneta habilmente manobrada pelos líderes judaicos. Esta apresentação – que contradiz aquilo que os historiadores da época dizem sobre Pilatos – não deve ter grandes bases históricas: deve ser, apenas, uma tentativa de lançar a culpa e a responsabilidade da condenação de Jesus para cima das autoridades judaicas: foram elas que promoveram e insistiram na condenação de Jesus, enquanto Pilatos tentou, por todos os meios, libertá-lo. Na altura em que o autor do Quarto Evangelho escreve (por volta do ano 100), os cristãos tratavam de evitar quaisquer polémicas com o poder imperial, que poderiam ter consequências nefastas na vida da Igreja. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- O que significa concluirmos o ano litúrgico celebrando a Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, rei do universo? Significa que, depois de termos caminhado com Jesus ao longo de um ano inteiro, sentimos que Ele é o nosso verdadeiro guia, o nosso verdadeiro mestre, o nosso verdadeiro Senhor; significa que, depois de termos andado com Ele por tantos caminhos e de termos enfrentado com Ele tantos desafios, confiamos incondicionalmente nas suas orientações e propostas; significa que, depois de termos experimentado a sua amizade e o seu amor, queremos apostar n’Ele toda a nossa

vida; significa que, depois de termos caminhado ao ritmo das suas palavras e de termos sido alimentados com o seu Pão, nos sentimos mais fortes, mais livres, mais próximos da vida verdadeira que buscamos; significa que, tendo constatado a centralidade e a importância de Jesus na nossa vida, queremos construir à volta d'Ele toda a nossa existência. Aceitamos a "autoridade" de Jesus, não porque Ele nos impõe o seu poder, mas porque Ele nos toca com o seu amor. Como é que entendemos a realeza de Cristo? Reconhecemos Jesus como o nosso rei?

- Diante de Pôncio Pilatos, o "prefeito" romano da Judeia, Jesus admite a sua realeza; mas deixa claro que essa realeza não assenta em poder, em autoridade, em riqueza, em domínio, em mordomias, em distinções humanas. Diante daquele funcionário do império que o questiona, Jesus está só, indefeso, prisioneiro, armado apenas com a força do amor e da verdade. A sua atitude, naquela hora decisiva, corresponde àquilo que foi toda a sua vida: obediência a Deus, serviço aos homens, solidariedade com as vítimas, doação total de si, testemunho da verdade. É com estas "armas" que Ele vai combater o egoísmo, a autossuficiência, a injustiça, a exploração, tudo o que gera sofrimento e morte. A lógica da vida de Jesus é uma lógica desconcertante e incompreensível, à luz dos critérios que o mundo avaliza e enaltece. Consideramos que a opção de Jesus faz sentido? O mundo novo, de vida e de felicidade plena para todos os homens nascerá de uma lógica de força, de autoridade e de imposição, ou de uma lógica de amor, de serviço e de dom da vida?
- Se acolhemos o convite de Jesus e decidimos ir atrás d'Ele, como discípulos, é porque acreditamos que a proposta d'Ele é a receita certa para a construção de um mundo novo, de um mundo mais humano, mais feliz, mais pacífico, mais harmonioso, mais cheio de amor; se aceitamos Jesus como rei, é porque estamos dispostos a seguir as suas orientações e a viver, como Ele viveu, numa atitude de serviço humilde, de dom gratuito, de respeito, de partilha, de amor; se estamos seguros de que Jesus é a nossa grande referência, é porque nos dispomos a lutar ao lado d'Ele, não com a força do ódio e das armas, mas com a força do amor, contra todas as formas de exploração, de injustiça, de alienação e de morte... Estamos disponíveis para testemunhar e fazer aparecer o Reino de Cristo no nosso mundo e nos corações dos homens?
- No seu diálogo com Pôncio Pilatos, Jesus define, de forma muito bela, o seu programa de vida: "nasci e vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade". O seu grande objetivo é que o projeto de Deus – aquilo a que Jesus chama "a verdade" – seja assumido e concretizado pelos homens. Para dar testemunho da verdade, Jesus mostrou-nos o rosto misericordioso de Deus; para dar testemunho da verdade, Jesus disse-nos que Deus queria ver todos os seus filhos queridos caminharem livres e felizes; para dar testemunho da verdade, Jesus lutou contra o egoísmo, a injustiça, a discriminação, a intolerância, a violência, a mentira nas suas mil e uma formas; para dar testemunho da verdade, Jesus acolheu e abraçou os pecadores, os malditos, os que não tinham voz nem direitos; para dar testemunho da verdade, Jesus denunciou os mecanismos obscuros que os "donos do mundo" utilizavam para perpetuar os seus privilégios e para defender os seus interesses egoístas; para dar testemunho da verdade, Jesus amou até ao extremo e deu a própria vida para nos ensinar a viver... Aceitamos nós também fazer do "testemunho da verdade" o nosso programa de vida? Como Jesus, dispomo-nos a combater objetivamente todas as formas de mentira que tornam mais feio o nosso mundo?
- A forma simples e despreziosa como Jesus, o nosso Rei, se apresenta diante dos poderes do mundo, convida-nos a repensar certas atitudes, certas formas de organização e certas estruturas que criamos para enfrentar a história... A comunidade de Jesus (a Igreja) não pode estruturar-se e organizar-se com os mesmos critérios dos reinos da terra... Deve interessar-se mais em dar um testemunho de amor e de solidariedade para com os pobres e marginalizados, do que em agradar às autoridades políticas e aos chefes das nações; deve preocupar-se mais com o serviço simples e humilde aos homens, do que com os títulos, as honras, as mordomias, os privilégios; deve apostar mais na partilha e no dom da vida, do que na posse de bens materiais ou na eficiência das estruturas. Se a Igreja não testemunhar, no meio dos homens, essa lógica de realeza que Jesus apresentou diante de Pôncio Pilatos, está a ser gravemente infiel à sua missão. Como é que a Igreja de Jesus entende e vive hoje, no séc. XXI, o seu serviço ao mundo e aos homens? Ao estilo de Jesus, o "rei" sem trono e sem poder, que se apresenta diante do mundo apenas "armado" com a humildade, o serviço, o amor? *in Dehonianos*

Para os leitores:

As leituras deste Domingo não apresentam nenhuma dificuldade aparente, contudo, devem ser preparadas cuidadosamente para que a proclamação da Palavra seja bela e digna. As leituras desta solenidade apresentam a realeza de Jesus, em contraponto com os reinos deste mundo, por isso, a proclamação das leituras deve traduzir este anúncio.

A **primeira leitura** da profecia de Daniel é a narrativa das visões da noite onde se anuncia a vinda do Filho do Homem que instaura um reino eterno.

A **segunda leitura** do Livro do Apocalipse é um texto litúrgico que apresenta um diálogo entre um leitor e a comunidade cristã reunida para escutar a proclamação. Deve haver um especial cuidado nas fórmulas litúrgicas que se concluem com um «Ámen».

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)